



O PAPEL DA EDUCAÇÃO FRENTE AO AUMENTO DA VIOLÊNCIA: EDUCAÇÃO DIGITAL E A CULTURA DE PAZ

RONDINELI RIBEIRO SILVA; RAQUEL PACHECO MOURÃO; ANA CAROLINA MARTINS DE SOUSA; DAYANE FERREIRA GONÇALVES

RESUMO

Vivemos no Brasil e no mundo um momento muito delicado na história, de ódio, violências diversas, polarização política, desrespeito aos direitos humanos, extrema degradação ambiental, guerra e etc. A educação tem um papel importante diante desse cenário difundindo valores e princípios baseados na ética, no respeito, na defesa da democracia e na superação das desigualdades. O paradigma atual do ensino considera as tecnologias digitais como aliadas ao processo pedagógico de aprendizagem. O presente artigo analisa como a educação digital pode ser também uma ferramenta fomentadora da cultura de paz. A partir da metodologia de pesquisa exploratória bibliográfica, concluiu-se que a educação digital pode contribuir para a humanização dos sujeitos e para o desenvolvimento de valores e habilidades baseados no respeito e na cooperação, influenciando positivamente as relações interpessoais dos estudantes não apenas no ambiente escolar, mas na vida social como um todo.

Palavras chaves: Educação digital; Cultura de paz; Respeito; Ambiente escolar; Violência.

1 INTRODUÇÃO

A conjuntura político-econômica de desemprego, fome, miséria, desigualdade social e desrespeito aos direitos básicos de cidadania estão relacionados ao elevado nível de violência no Brasil. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública o índice de violência nos países vem aumentando. Os dados do Atlas da Violência 2021 indicam que o número de mortes violentas por causas indeterminadas, isto é, aquelas em que não é possível identificar a motivação, cresceu nos últimos anos, saltando de 12.310 (em 2018) para 16.648 (em 2019). O documento afirma ainda que em 2019 houve 45.503 homicídios no país. Sobre a violência contra as mulheres, o Fórum contabiliza que entre março de 2020 e dezembro de 2021 foram registrados 2.451 feminicídios e 100.398 casos de estupro e estupro de vulnerável de vítimas do gênero feminino).

Esses dados servem de alerta de que a violência, em suas diversas formas, tem se tornado endêmica no país. Ataíde (2000, p. 11) destaca que “a violência atinge níveis cada vez mais altos e já dificilmente suportáveis”. Além disso, ela não abrange “apenas regiões de conflito social, político ou locais periféricos e isolados, é uma ameaça cada vez mais presente em toda a sociedade, em todos os níveis, amedrontando a todos e invadindo a escola e a família”. (ATAÍDE, 2000, p. 11).

A violência tem se tornado sistêmica e tem moldado a cultura contemporânea como ressalta a pesquisadora Yara Dulce de Ataíde:

A violência tem se tornado uma característica identitária e um instrumento frequentemente utilizado para demonstração de poder individual e grupal. Assim, ela tem permeado e influenciado a cultura contemporânea, impondo-lhe seu repertório de falsos valores e seus paradigmas de comportamentos e práticas perversas, que terminaram por provocar a banalização dos homicídios, crueldades e ações predatórias de todo tipo. (ATAÍDE, 2000, p. 12).

Levinsky (1998, p. 17), analisando como a cultura de violência influencia os jovens e adolescentes, afirma que a psique é afetada por fatores internos (biológicos) e externos (tais como as condições sociais, éticas, econômicas, políticas e etc.) de modo que em uma sociedade onde a violência é endêmica e, de certa forma, até banalizada corre-se o risco de que “ela se transforme num valor cultural válido a ser incorporado”. Gerando na sociedade, mesmo que de maneira inconsciente, “condições para que as violências física e moral se transformem em elementos de afirmação do jovem dentro desta cultura” (LEVINSKY, 1998, p. 17).

O autor salienta que é urgente nos atentarmos para os riscos aos jovens que vivenciam cotidianamente a violência sistêmica em suas diferentes formas de expressão, justamente porque a agressividade que vem fazendo parte “dos modelos identitários como padrão de conduta e forma de autoafirmação” (LEVINSKY, 1998, p. 20) destes dentro da sociedade é resultado da constante exposição à violência que adentrou, inclusive, no ambiente escolar.

Segundo Souza (2019) em 2019, 81% dos estudantes e 90% dos professores das escolas estaduais souberam de casos de violência envolvendo bullying, agressão verbal, agressão física e vandalismo. A Lei de Diretrizes e Bases (nº 9.394/96 art.12) orienta as escolas a “promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência”. Nessa perspectiva, alternativas educacionais podem ajudar a reverter esta situação contribuindo para a construção de uma cultura da paz.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O artigo foi desenvolvido a partir da pesquisa exploratória bibliográfica realizada a partir de materiais já publicados, como livros e artigos científicos relacionados à temática.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As tecnologias digitais de informação e comunicação na educação

As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) estão presentes no dia a dia de todos desde os mais jovens, pois estes já nascem inseridos num mundo altamente tecnológico e, à medida que começam a frequentar as escolas, desafiam as práticas docentes que nem sempre conseguem conciliar o estudo formal ao uso das novas tecnologias de modo a propiciar aos estudantes um ganho positivo no processo educacional.

(SOUSA, MOITA, CARVALHO, 2011, p. 21), destacam a necessidade de um “maior envolvimento entre as áreas tecnológica e educacional” haja vista que hoje a “relação educação e tecnologia é presente em quase todos os estudos que analisam o contexto educacional”. A Própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que determina as diretrizes para a Educação Básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, propõe o uso de tecnologias pelas escolas e professores a fim de que os alunos possam utilizá-las com domínio, de maneira crítica e responsável:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL (a), 2018, p.9)

Na prática, o que se percebe, especialmente nesse momento histórico de pandemia que vivenciamos é que o uso das TDIC's tem sido, cada vez mais, incorporado às práticas docentes visando a promoção de aprendizagens mais significativas com o objetivo de apoiar os educadores na implementação de metodologias de ensino ativas e alinhadas ao processo de ensino e aprendizagem, de modo que os estudantes apresentem maior desejo, interesse e

engajamento durante as aulas. (BRASIL (b), 2018).

Baseando-se nos eixos e habilidades propostos nos documentos norteadores oficiais, os educadores podem implementar o uso de tecnologias no contexto escolar não somente como meio para promoção de aprendizagem ou como forma de estímulo aos estudantes, mas também preparando os alunos para o uso das TDIC nas esferas pessoais e profissionais. (BRASIL (b), 2018).

Vale destacar que não se deve prezar somente pela utilização das TDIC em si, mas pela reflexão crítica e pelo uso responsável destas. Assim, cabe aos professores trabalharem também conceitos relacionados à segurança na rede, cyberbullying, checagem de fatos e informações (com ênfase nas famosas fake news) e o uso da tecnologia como ferramenta de construção, compartilhamento de conhecimentos e de valores éticos, morais, sociais e políticos.

É preciso repensar os projetos pedagógicos escolares a partir da demanda atual de utilização das tecnologias e recursos digitais tanto como meio, ou seja, como apoio e suporte à implementação de metodologias ativas e à promoção de aprendizagens significativas, quanto como um fim, promovendo a democratização ao acesso e incluindo os estudantes no mundo digital. Para isso, é preciso, fundamentalmente investir na formação continuada de professores. (BRASIL (b), 2018).

Nunes (ano, p. 9) ressalta que “apesar de toda transformação gerada por um mundo globalizado e pela revolução tecnológica, ainda não conseguimos criar adequadamente uma cultura de paz”. A violência tem se tornado um elemento da cultura brasileira, afetando as subjetividades e modelando as personalidades. A escola não fica fora dessa realidade e nesse cenário desafiador o autor destaca que:

Torna-se necessário desenvolver uma educação para a paz que transmita adequadamente preceitos fundamentais relacionados ao bom convívio escolar e social – que leve as crianças e os adolescentes a protagonizarem os valores éticos e as responsabilidades sociais – e ao aprendizado de habilidades que estimulem o diálogo, a cooperação e a solução pacífica dos conflitos. (NUNES, 2011, p. 9).

Cultura de paz e educação

Ao longo dos anos é possível perceber uma articulação e interdependência da educação formal com os demais setores da sociedade. O ensino regular e o ambiente escolar não apenas são influenciados pelo que acontece ao entorno, como o contrário também se verifica. A educação tem por finalidade dar ao indivíduo os subsídios necessários para viver em comunidade. Não se restringindo apenas a ensinar conceitos e conteúdo das diversas disciplinas previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas também de instruir a cerca de valores éticos, morais e sociais visando à formação cidadã dos estudantes. Como destacam Sousa, Moita e Carvalho (ano, 2011. 106) “versa como um processo social de modelagem humana”. Sobre isso Libâneo afirma:

A educação é um conceito amplo que se refere ao processo de desenvolvimento unilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas-físicas, morais, intelectuais, estéticas tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais. (LIBÂNEO, 1994, p. 22).

“A escola é a principal agência educativa na contemporaneidade, desde a primeira infância” (SOUSA, MOITA, CARVALHO, 2011, p. 106), justamente porque a educação propicia o diálogo e a capacidade crítica, sendo um lugar de criação e transformação cultural. Paulo Freire (1977), um dos mais destacados educadores brasileiros, ressalta que o papel do educador para além de transmitir um conhecimento elaborado aos alunos, deve, analisando o

contexto social, contribuir para a superação de todas as formas de opressão, incluindo a violência.

Nunes (2011, p. 12) destaca que a educação para além de ensinar conteúdos didáticos deve ser voltada para os valores humanos essenciais “sempre buscando o crescimento e o amadurecimento da pessoa em todas as suas dimensões: material, intelectual, moral e espiritual, em prol da emancipação humana e da construção de uma cultura de paz”. No mesmo sentido Andrade afirma que:

A escola é encarregada de formar valores e habilidades pró-sociais que motivem para a convivência, valendo-se, inclusive, dos conflitos gerados pelo encontro de diferenças, assim como, particularmente, de situações mais graves que ameaçam os vínculos grupais, como é o caso da violência. (ANDRADE, 2007, p.42)

A educação escolar pode ajudar desenvolver nas crianças e adolescentes “um conjunto de valores e habilidades baseadas no respeito, na igualdade e na dignidade de todas as pessoas” (NUNES, 2011, p. 10) criando um ambiente de cooperação, de respeito às diferenças e empatia pelos outros, influenciando positivamente as relações interpessoais dos estudantes não apenas no ambiente escolar, mas reverberando nos espaços de convivência e na vida social como um todo.

Educação digital e cultura de paz

Como já foi mencionado, a educação pode contribuir para o enfrentamento da violência e no fomento da cultura da paz. Entretanto, como destaca Robson, Moita e Filomena num mundo globalizado como o nosso é preciso que novas ferramentas pedagógicas, tais como as tecnologias digitais e de comunicação, sejam incorporadas ao processo educativo:

A escola, para fazer cumprir sua responsabilidade social de educar e formar os novos cidadãos precisa contar com professores que estejam dispostos a captar, a entender e a utilizar as novas linguagens dos meios de informação e comunicação a serviço de sua prática pedagógica que deve ser compreendida como uma forma específica de práxis, portanto, prática social que envolve teoria e prática, própria da prática educativa. (SOUSA, MOITA, CARVALHO, 2011, p. 21-22).

O uso das tecnologias como estratégia na educação escolar voltada para paz precisa ser intencional e planejado. D’Aurea-Tardeli sugere o uso de recursos audiovisuais, como documentários e filmes, de modo a propor reflexões críticas e conscientização dos estudantes. [...] filmes tratam de percursos de vida e de conflitos; trazem personagens que criam uma identificação única com os espectadores, além de apresentarem tramas dilemáticas. Nesse sentido, os filmes são infalíveis porque são carregados de valores e constituem possibilidades de práticas morais com uma ação educativa implícita: algo nas narrativas merece ser ensinado e aprendido. (D’AUREA-TARDELI, 2018, p. 14).

Além de documentários e filmes, é possível utilizar jogos digitais que simulem conflitos e instigue os alunos e alunas a exercerem suas habilidades analíticas e inter-relacionais para propor soluções adequadas ao contexto simulado. Podcast em que os estudantes são os protagonistas e/ou vídeos no Youtube e nos aplicativos de Instagram e TikTok que discutem a temática, também são exemplos de como as tecnologias aliadas à educação podem ser utilizadas visando a cultura de paz. É importante destacar que estas devem ser utilizadas de forma lúdica, divertida e leve para analisar e discutir comportamentos e atitudes violentas não apenas na vida concreta como também nas redes sociais, dado o fato de que a violência por meio dos chamados “haters” e da cultura de cancelamento também alcançou os espaços virtuais.

Martins (2022) relaciona a educação para a paz com as novas tecnologias promovendo

situações de “conscientização pacificador” no ambiente escolar. A autora desenvolveu uma série de ações (sequencia didática) com estudantes de 6 à 12 anos de idade, em uma escola municipal em que lecionava no ano de 2017, direcionadas aos valores de solidariedade, cooperação, respeito às diferenças, entre outros. A Plataforma Google Sala de Aula, como destaca Martins (2022, p. 160), “foi essencial para oportunizar aos alunos o manuseio de diferentes mídias utilizadas no projeto” que tinha como proposta preparar os alunos para uma cultura de paz, cultivando atitudes pautadas nas concepções indicadas pela UNESCO:

- respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminar nem prejudicar; praticar a não-violência ativa, repelindo a violência em todas suas formas: física sexual, psicológica, econômica e social, em particular ante os mais fracos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes; • compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais, cultivando a generosidade, a fim de terminar com a exclusão, injustiça e a opressão política e econômica; • defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre a escuta e o diálogo, sem ceder ao fanatismo, nem à maledicência e ao rechaço ao próximo; (DISKIN; ROIZMAN, 2002, p. 7).

Segundo a pesquisadora, o projeto utilizando-se da educação digital “conseguiu oportunizar situações que propiciaram a construção solidária, e incitou o desejo nos estudantes de se construir uma nova sociedade, pautada no respeito aos direitos humanos, no respeito à diversidade, à cultura e às opiniões de cada cidadão”. (MARTIS, 2022, p.167).

Guimarães (2009) destaca como as novas tecnologias podem contribuir no processo de educação para a paz. Segundo o autor, as novas tecnologias estão associadas à interatividade e à “quebra de um modelo de comunicação, em que a informação é transmitida de modo unidirecional, para um modelo pluridirecional, cuja comunicação tem vários pontos de partida e de chegada” (GUIMARÃES, 2009, p. 185), deste modo, ele argumenta que as novas tecnologias podem visibilizar o princípio universal, oportunizando um debate mais amplo, o que pode contribuir para a cultura de paz.

Além disso, as novas tecnologias ampliam as possibilidades de se criar comunidades, rompendo a barreira geográfica, conectando pessoas em torno de temas e interesses comuns. O autor salienta que “a questão a ser colocada é sobre a capacidade das redes de oportunizarem experiências comunitárias mais sólidas e trocas humanas mais profundas” (GUIMARÃES, 2009, p. 186), que podem inclusive ultrapassar a barreira do virtual. No ambiente escolar, por exemplo, as TIC’s possibilitam que os estudantes estejam mais tempo em contato uns com os outros, favorecendo a interação, a troca e o aprofundamento das relações.

Guimarães enfatiza que “as novas tecnologias oportunizam novas formas de captação, transmissão e distribuição de informações” (GUIMARÃES, 2009, p. 186), dando mais voz e visibilidade aos alunos e seus pares. O que pode ser um fator importante para que a cultura de paz esteja presente no ambiente escolar, a partir da concepção de igualdade, fomento ao diálogo e respeito e as opiniões divergentes. Por fim, o autor evidencia a capacidade que as novas tecnologias têm de capacitar e de engajar para a ação. Segundo ele, os estudantes, assim como a população como um todo, “desejam e querem a paz, desejam e querem participar dos processos de paz” (GUIMARÃES, 2009, p. 186), mas não sabem, muitas vezes, o quê e como fazer. As novas tecnologias, sobretudo no contexto educacional, podem ajudar os estudantes para o que ele chama de “operacionalizar para paz”, ou seja, as ferramentas digitais podem ser um modo de organizar os alunos em abaixo-assinados, facilitar que demandas da comunidade escolar e do bairro ou cidade em que a escola está localizada cheguem a governos, políticos e órgãos responsáveis; ou a manifestar a indignação a respeito de uma determinada causa, criando páginas, blogs, entre outros para dar visibilidade aos argumentos e possibilitar que mais pessoas também sejam conscientizadas.

4 CONCLUSÃO

A violência tem atingido números alarmantes em nossa sociedade, ela é fruto da situação política social e econômica do nosso país. Pesquisas indicam que a violência tem estado cada vez mais presente também nos ambientes escolares, o que constitui um desafio aos educadores.

A educação pode ser fomentadora da cultura de paz atuando de modo a contribuir para a humanização dos sujeitos e no desenvolvimento de valores e habilidades baseados no respeito e na cooperação, contribuindo para a humanização dos sujeitos e para o desenvolvimento de valores éticos e habilidades de convivência baseados no respeito e na cooperação, influenciando positivamente as relações interpessoais dos estudantes no contexto escolar e também social. Nesse sentido, as tecnologias digitais de informação e comunicação, aliadas ao processo educacional, podem exercer um papel importante de formação e conscientização, gerando indivíduos mais cientes de seus direitos e deveres não apenas para uso sadio das TICs e da internet, mas dotados de habilidades interpessoais e sociais que facilitam as relações humanas, tornam a convivência mais fácil e agradável e a partir de postura ética e respeitosa entre as pessoas, independentemente de suas diferenças sociais, culturais, ou ideológicas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fernando César Bezerra de. **Ser uma lição permanente: psicodinâmica da competência inter-relacional do(a) educador(a) na gestão de conflito e na prevenção da violência na escola**. João Pessoa, 2007.

ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. **A educação e a cultura da paz**. In: Revista da FAEEBA / Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I - Ano 1, nº 1 (jan./jun., 1992) - Salvador: UNEB, 1992.

BRASIL (a). BNCC: **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em 03 de ago. de 2023.

BRASIL (b). **Caderno de Práticas - Aprofundamentos: Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no contexto escolar: possibilidades**. 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades>>. Acesso em: 03 de ago. de 2023.

BUENO, Samira. **Violência contra Mulher 2021** / Samira Bueno et al., São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>>. Acessado em: 02 de ago. de 2023.

CERQUEIRA, Daniel. **Atlas da Violência 2021** / Daniel Cerqueira et al., São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>>. Acessado em: 02 de ago. de 2023.

D-AUREA-TARDELI, Denise. **Oito filmes, oito livros**. Americana: Adonis, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1977.

GUIMARÃES, Dom Irineu Rezende. **Educação para a paz e novas tecnologias**. Caxias do Sul: Revista Conjectura Filosofia e Educação. v. 14, n. 3, P. 167-187, set./dez. 2009.

LEVINSKY, David Léo. **Pelos Caminhos da Violência**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998.

LEVINSKY, David Léo. **Adolescência e violência**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez editora, 1994.

MARTINS, Marinês Juliana Carvalho Martins. **O Tom do Bem: O uso das artes e das TICs na promoção da cultura da paz na Escola Maria Nosídia**. Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais 2 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, p. 154-158, 2022.

NUNES, Antônio Ozório. **Como Restaura a Paz nas escolas: um guia para educadores**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA, Ludmilla. **Violência contra professores e alunos cresce na rede pública paulista**. Agência Brasil, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-12/violencia-contraprofessores-e-alunos-cresce-na-rede-publica-paulista>. Acesso em: 05 de ago. de 2023.

SOUZA, Robson P. de.; MOITA, Filomena. **Tecnologias digitais na educação**. Org. Ana Beatriz Gomes Carvalho. Campina Grande: EDUEPB, 2011.